

**Willian Douglas Guilherme
(Organizador)**

História e as Práticas de Presentificação e Representação do Passado

Atena
Editora

Ano 2020



**Willian Douglas Guilherme
(Organizador)**

História e as Práticas de Presentificação e Representação do Passado

Atena
Editora

Ano 2020



2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernando da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^a Dr^a Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof^a Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
 Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
 Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
 Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
 Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
 Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
 Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
H673	<p>História e as práticas de presentificação e representação do passado [recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-075-9 DOI 10.22533/at.ed.759202805</p> <p>1. História – Filosofia. 2. História - Historiografia. 3. Historiadores. I. Guilherme, Willian Douglas.</p> <p style="text-align: right;">CDD 907.2</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O e-book “História e as Práticas de Presentificação e Representação do Passado” reuni 16 artigos entorno de um debate atualizado e propositivo sobre práticas e história. As pesquisas foram organizadas em 4 grupos conforme interesse da obra.

No primeiro grupo, temos três textos que discutem a presentificação e representação do passado do ponto de vista de território, trazendo um diálogo crítico e convidativo ao debate.

Para o segundo grupo, foram selecionados cinco artigos que dialogassem em torno da religião, trazendo ações históricas que permaneceram presentes nos tempos atuais. Polêmicas ou não, as pesquisas contribuem com a quebra de preconceitos e propõem novos olhares.

No terceiro conjunto, agrupei cinco pesquisas que apresentassem um debate relevante para o contexto histórico proposto por esta obra, que é a presentificação e representação do passado. As pesquisas permeiam o século XIX, XX e XXI.

Para o quarto grupo, são três artigos voltados para a discussão histórica por meio da educação. As pesquisas convidam ao olhar dialógico e levam o debate para além da leitura.

Desejo boa leitura a todos!

Willian Douglas Guilherme

SUMÁRIO

I.

CAPÍTULO 1 1

A COMUNIDADE DE CERRO PELADO, FRONTEIRA E HISTÓRIA AGRÁRIA

[José Carlos Sampayo Ferreira](#)

DOI 10.22533/at.ed.7592028051

CAPÍTULO 2 13

A GUERRA DE (RE)CONQUISTA SOBRE O CAMPO MEXICANO E A RESISTÊNCIA TERRITORIAL ZAPATISTA

[Rodrigo de Moraes Guerra](#)

DOI 10.22533/at.ed.7592028052

CAPÍTULO 3 22

ALDEADOS DE PIRATININGA – INDÍGENAS ADMINISTRADOS DE SÃO PAULO COLONIAL (SÉCULOS XVI - XVII)

[Antonio Martins Ramos](#)

DOI 10.22533/at.ed.7592028053

II.

CAPÍTULO 4 33

ANALOGIA DO SÁBADO

[Cleonaldo Pereira Cidade](#)

DOI 10.22533/at.ed.7592028054

CAPÍTULO 5 45

CONTRIBUIÇÕES DE KOSELLECK, RÜSEN E FREIRE PARA O PROFESSOR DE HISTÓRIA QUE ATUE NO ENSINO RELIGIOSO.

[Marcelo Noriega Pires](#)

DOI 10.22533/at.ed.7592028055

CAPÍTULO 6 57

O CAMPO RELIGIOSO “BRASILEIRO” NA OBRA MACHADIANA

[Valdeci Rezende Borges](#)

DOI 10.22533/at.ed.7592028056

CAPÍTULO 7 70

ORIXÁ E NATUREZA: O CANDOMBLÉ NA PERSPECTIVA DECOLONIAL

[Victor Hugo Basilio Nunes](#)

DOI 10.22533/at.ed.7592028057

CAPÍTULO 8 86

O ESPAÇO DE TERREIRO COMO ESPAÇO EDUCATIVO

[Patrícia da Silva Pereira](#)

DOI 10.22533/at.ed.7592028058

III.

CAPÍTULO 9 98

O “LIVRO DE ENTRADA DE IRMÃOS DA IRMANDADE DE N. SRA. DO ROZARIO DOS PRETOS DA FREGUESIA DA CAXOEIRA” – RS, SÉC. XIX

[Henrique Melati Pacheco](#)

DOI 10.22533/at.ed.7592028059

CAPÍTULO 10 113

NETTO ENCONTRA SUA ALMA! UM CAUDILHO DA PROVÍNCIA DO RIO GRANDE DO SUL NA HISTÓRIA E NA LITERATURA (C.1836-C.1866)

[Cesar Augusto Barcellos Guazzelli](#)

DOI 10.22533/at.ed.75920280510

CAPÍTULO 11 124

O PODER BÉLICO DAS PALAVRAS: O DISCURSO VENCEDOR DOS REPUBLICANOS LIBERAIS NA QUEDA DA MONARQUIA NO BRASIL (1870-1891)

[Daiane Lopes Elias](#)

DOI 10.22533/at.ed.75920280511

CAPÍTULO 12 136

PARA ALÉM DA INVENÇÃO: UMA CRÍTICA AO CONCEITO HOBBSBAWMIANO DE TRADIÇÃO

[Ivan Rodrigo Trevisan](#)

DOI 10.22533/at.ed.75920280512

CAPÍTULO 13 146

FUTEBOL DE BOTÃO / MESA – PASSADO, PRESENTE E FUTURO NA PERCEPÇÃO DO BOTONISTA

[Ary Luiz de Oliveira Peter Filho](#)

DOI 10.22533/at.ed.75920280513

IV.

CAPÍTULO 14 165

PROJETO DE LEITURA E ESCRITA: FÁBULAS POTIGUARA

[Juracy Dayse Delfino Soares](#)

DOI 10.22533/at.ed.75920280514

CAPÍTULO 15 174

PROTAGONISMO POLÍTICO JUVENIL E NARRATIVAS DE HISTÓRIA: PERSPECTIVAS DA APRENDIZAGEM HISTÓRICA PELA *BURDENING HISTORY*

[Jéssica Christina de Moura](#)

DOI 10.22533/at.ed.75920280515

CAPÍTULO 16 189

PERCEPÇÃO SOCIOCULTURAL DO SÉCULO XIX ATRAVÉS DA ANÁLISE DO VESTUÁRIO DE ÉPOCA

[Lilian Patricia Soares Filocreão](#)

DOI 10.22533/at.ed.75920280516

SOBRE O ORGANIZADOR..... 201

ÍNDICE REMISSIVO 202

PARA ALÉM DA INVENÇÃO: UMA CRÍTICA AO CONCEITO HOBBSAWMIANO DE TRADIÇÃO

Data de aceite: 12/05/2020

Ivan Rodrigo Trevisan

PUCRS – Escola de Humanidades –
Departamento de História

Porto Alegre - RS

<http://lattes.cnpq.br/4073641779207166>

04/02/2020

RESUMO: O presente artigo procura discutir e problematizar o conceito de tradição inventada (A Invenção das Tradições, 1984) do historiador Eric Hobsbawm, a partir da crítica à concepção de tradição apenas enquanto uma invenção. Para além da constatação do caráter inventivo do fenômeno das tradições, é necessário compreendê-las enquanto operadoras de sociabilidade entre os indivíduos e os diferentes grupos sociais, fornecendo sentido às múltiplas formas de relações e vivências em sociedade. Ou seja, a nossa crítica fundamenta-se na compreensão dos indivíduos não apenas como receptores, mas como sujeitos ativos nesse processo, com capacidade de decisão e de escolhas na reprodução (ou não) das narrativas e práticas vinculadas à tradição, o que nos permite o entendimento da manutenção das tradições em diferentes sociedades ao longo

da história - não apenas através da repetição e da imposição, conforme a concepção hobsbawmiana.

PALAVRAS-CHAVE: tradição inventada; Eric Hobsbawm; nação; nacionalismos; ideologia.

IN ADDITION TO INVENTION: A CRITICISM OF THE HOBBSAWMIAN CONCEPT OF TRADITION

ABSTRACT: This article aims to discuss and problematize the historian Eric Hobsbawm's concept of invented tradition (The Invention of Traditions, 1984), from criticism to conception of tradition only as an invention. In addition to discovering the inventiveness of the phenomena of traditions, it is necessary to understand them as operators of sociability between individuals and different social groups, providing meaning to the multiple forms of relationships and experiences in society. That is, our criticism is based on the understanding of individuals not only as recipients, but as active subjects in this process, with decision-making capacity and choices in the reproduction (or not) of narratives and practices linked to tradition, which allows us the understanding of the maintenance of traditions in different societies throughout history - not only through repetition and imposition,

according to the Hobsbawmian conception.

KEYWORDS: invented tradition; Eric Hobsbawm; nation; nationalisms; ideology.

O presente artigo busca refletir sobre as limitações da concepção de *tradição* apenas enquanto *invenção*, embora a sua elaboração tenha sido fundamental para a compreensão sobre o fenômeno das tradições, não as compreende como portadoras de *sentido* ou mesmo de verossimilhança com a *realidade* (inclusive histórica), operacionalizando as relações entre indivíduos e sociedade.

No campo historiográfico, no que se refere aos estudos sobre as tradições, “A Invenção das Tradições” (1997) do historiador Eric Hobsbawm, tornou-se um marco teórico ao apresentar as tradições como *invenções*, historicizando-as e, portanto *desnaturalizando* práticas ligadas à tradição e tidas como *naturais* (ou a-históricas) em determinada sociedade ou contexto histórico.

O conceito de “tradição inventada¹” inclui “tanto as tradições realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas”, quanto as que surgiram de maneira “mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo”, cabendo ao pesquisador compreender “o modo como essas tradições surgiram e se estabeleceram” (HOBSBAWM, 1987:9).

Nesse sentido, tradições que muitas vezes parecem ou são consideradas antigas, são na verdade bastante recentes, visto que as “tradições inventadas” (já uma redundância aqui) “caracterizam-se por estabelecer com o passado histórico uma continuidade bastante artificial”, formulando narrativas históricas que estabelecem-se “através da repetição quase que obrigatória” (HOBSBAWM, 1987:10). Segundo Hobsbawm, a invenção de tradições ocorre:

Quando uma transformação rápida da sociedade debilita ou destrói os padrões sociais para os quais as “velhas tradições” foram feitas, produzindo novos padrões com os quais essas tradições são incompatíveis; quando as velhas tradições, juntamente com seus promotores e divulgadores institucionais, dão mostras de haver perdido grande parte da capacidade de adaptação e da flexibilidade; ou quando são eliminadas de outras formas. Em suma, inventam-se tradições quando ocorrem transformações suficientemente amplas e rápidas tanto do lado da demanda quanto do lado da oferta. (HOBSBAWM; RANGER, 1997:12)

Assim, as tradições tratam-se de *invenções* construídas em determinado contexto histórico e que se apresentam como *naturais*, quando não, através de uma narrativa histórica fixa, imóvel, que mantém pouca ou nenhuma correspondência com a *realidade histórica*. O que Hobsbawm não explica, porém, é como *meras* invenções se sustentam e se reproduzem ao longo do tempo nas sociedades, não apenas pela repetição e\ou pela imposição.

1. Por *tradição inventada* entende-se “um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado” (HOBSBAWM; RANGER, 1997:9).

Embora o autor afirme que os historiadores ainda não pesquisaram o “processo exato pelo qual tais complexos simbólicos e rituais são criados”, trata-se de compreender como esses rituais e complexos simbólicos *operacionalizam* em determinado contexto e como dão *sentido* a múltiplas formas de vivências em sociedade, sendo assumidos em parte *deliberadamente* pelos indivíduos – embora diversos outros fatores estejam envolvidos na manutenção de determinada tradição - inclusive através da repetição e da imposição, mencionados por Hobsbawm e Ranger (1997:12).

Como pensador situado dentro do campo do Marxismo – e, portanto herdeiro da tradição do Iluminismo – Hobsbawm tem suas análises historiográficas (incluindo as referentes às tradições) pautadas pelos critérios de **verdadeiro** e **falso**, onde bastaria a *desmistificação* do caráter inventivo das tradições para resolver a problematização dessa questão. O critério de **verdade** também está presente em outros aspectos da sua obra, incluindo em sua concepção de ideologia (como *falseamento* da realidade, de acordo com a tradição marxista²) bem como sua crítica ao conceito de Nação enquanto *mito*. Conforme Palti (2001), em crítica à concepção de nação do autor marxista:

No es el contenido de verdad del mito lo que ahora importa, sino el propio mito como tal; no “lo dicho” sino “el decir”, y los efectos sociales que esto pudiera generar. En todo caso, tal giro representa sí un vuelco con relación a los modos de producción social de sentido: ya no es la nación sino el propio mito de la nación el que se convierte en objeto de análisis, materia de debate y, eventualmente, en el centro de un culto laico. El punto aquí es que tal giro sitúa al nacionalismo fuera del alcance de la crítica tradicional de las ideologías como la que ensaya Hobsbawm (PALTI, 2001:211).

Nessa perspectiva, o que importa não é o fato de a Nação ser um *mito*, mas sim o próprio *mito da nação* enquanto objeto de estudos e de análises. Em consonância á essa crítica, podemos afirmar que não é a tradição e o seu caráter inventivo (ou a ideologia e o seu *falseamento* da realidade) que importam, mas como *elas* operam, como se reproduzem e se mantêm em um determinado contexto social.

Para ir além da crítica Hobsbawmiana, a tradição deve ser entendida enquanto elemento formador de identidades de um determinado grupo social e mesmo no âmbito individual que em última instância adere a determinados complexos simbólicos que passam a dar *sentido* a sua existência na relação e na diferenciação com os demais (identidade *reflexiva*³), compreendendo as identidades enquanto elementos dinâmicos, flexíveis, *híbridos* e, portanto em permanente transformação.

A historicização dos elementos ligados à tradição faz com que se perceba a dinâmica *ativa* do processo de construção de identidades e, sobretudo a possibilidade de *aceitação* ou *recusa* por parte dos indivíduos, vistos não apenas como *receptores*, mas como sujeitos

2. Para Marx e Engels (2001) a ideologia não passa de uma “inversão” da realidade, da vida real e concreta entre os homens: “a consciência nunca pode ser mais do que o ser consciente e o ser dos homens é o seu processo da vida real. E se em toda a ideologia os homens e as suas relações nos surgem invertidos, tal como acontece numa câmara obscura, isto é apenas o resultado do seu processo de vida histórico, do mesmo modo que a imagem invertida dos objetos que se forma na retina é uma consequência do seu processo de vida diretamente físico” (MARX; ENGELS, 2001: 19).

3. A identidade comumente constitui-se com relação ao “outro”.

ativos nesse processo, com capacidade de decisão e de escolhas na reprodução das narrativas e práticas vinculadas a tradição - mesmo que essas escolhas sejam limitadas muitas vezes por fatores objetivos e subjetivos.

Com relação ao estabelecimento de um passado “bastante artificial” reproduzido através da repetição, Hobsbawm *desmistifica* o caráter inventivo e “forjado” das narrativas históricas utilizadas pela tradição, e aqui reside grande mérito de sua obra, no entanto, é preciso compreender como a tradição funciona como meio de *sociabilidade* entre os indivíduos e os diferentes grupos sociais. Ao concordarmos que as tradições funcionam na composição de identidades e que esses elementos formadores estão vinculados a complexos simbólicos e de significados - e, portanto não restritos ao campo da racionalidade – entende-se a mistificação (irracionalidade) das narrativas históricas construídas pelos movimentos *tradicionalistas*, embora essas narrativas muitas vezes apresentem certa verossimilhança com o passado⁴.

Ao indivíduo *tradicionalista* parece menos importante a “fidedignidade” histórica das narrativas sobre o passado, reproduzidas pela tradição a qual pertence, do que o sentimento de *pertencimento* que as redes de *sociabilidade* e de convivência da tradição lhe proporcionam. Elias e Scotson (2000) sintetizam bem essa *funcionalidade* dos espaços da tradição:

O orgulho por encarnar o carisma do grupo e satisfação de pertencer a ele estão funcionalmente ligados à disposição dos membros de se submeterem às obrigações que lhes são impostas pelo fato de pertencerem a esse grupo. A satisfação que cada um extrai da participação no carisma do grupo compensa o sacrifício da satisfação pessoal decorrente da submissão às normas grupais (ELIAS; SCOTSON, 2000:26).

Ou seja, a tradição faz *sentido* – inclusive para uso prático – aos indivíduos que a ela aderem, mesmo se tratando de uma invenção ou de uma mistificação sobre o passado.

Em *A Interpretação Das Culturas* (2004), o antropólogo estadunidense Clifford Geertz trabalha com o conceito de ideologia nessa mesma perspectiva crítica apresentada até aqui à concepção de tradição de Hobsbawm. Ao caracterizar a ideologia como “tendência, supersimplificação, linguagem emotiva e adaptação ao preconceito” bem como “a infeliz qualidade de ser psicologicamente deformada, contaminada, falsificada, distorcida, sombreada” (2004:163), verificam-se semelhanças com os discursos e narrativas históricas elaboradas pela tradição.

Centralmente, o problema proposto por Geertz é o de desenvolver uma sociologia do conhecimento capaz de reconhecer e verificar como funcionam os aspectos simbólicos das ideologias, pois (assim como as tradições) já não importa aqui tanto a constatação de falsidade da ideologia, mas a própria **ideologia em si**: seus significados, seus usos, sua operacionalidade. Conforme o autor:

4. Para Giddens: “a tradição é contextual, gradativa, uma combinação de ritual e verdade formular. É a verdade formular que torna os aspectos centrais da tradição intocáveis e confere integridade ao presente em relação ao passado” (GIDDENS, 1997:127).

As ciências sociais ainda não desenvolveram uma concepção genuinamente não-avaliativa da ideologia, seu fracasso decorre menos da indisciplina metodológica do que de uma inépcia teórica: essa inépcia manifesta-se principalmente ao lidar com a ideologia como uma entidade em si mesma – como um sistema ordenado de símbolos culturais, em vez da discriminação de seus contexto social e psicológico (a respeito dos quais nossa maquinaria analítica é muito mais refinada); e que a fuga ao Paradoxo de Mannhein está, portanto, no aperfeiçoamento de um aparato conceptual capaz de lidar mais habilmente com o **significado** (GEERTZ, 2004:166).

A ideia de tradição apresentada aqui como portadora de *sentido*, elemento formador e definidor de identidades e ponto de encontro e de sociabilidades entre os indivíduos e grupos sociais, assemelha-se a função desempenhada pela ideologia na elaboração proposta pela *teoria da tensão* citada por Geertz, segundo a qual “a ideologia fornece uma saída simbólica para as perturbações emocionais geradas pelo desequilíbrio social” (2004:174).

Aqui, ideologia – assim como a tradição – aparece desempenhando uma *função* na sociedade, não mais resumidas apenas a uma invenção mantida pela repetição e imposição:

A ideologia coloca uma ponte sobre o fosso emocional existente entre as coisas como são e as coisas como se gostaria que fossem, assegurando assim o desempenho de papéis que, de outra forma, poderiam ser abandonados pelo desespero ou pela apatia. A “explicação da solidariedade” significa o poder da ideologia de unir um grupo ou classe social (GEERTZ, 2004:175).

Para além do papel psicológico das ideologias – bem como das tradições - a formulação de uma sociologia do conhecimento deve compreender os “processos de formulação simbólica”, analisando as ideologias como “sistemas de símbolos interatuantes, com padrões de significados entrelaçados”, daí a necessidade de uma ciência social capaz de analisar o *comportamento simbólico*, ou seja: como os símbolos funcionam em determinado contexto (GEERTZ, 2004:178).

A sociologia do conhecimento proposta por Geertz (que segundo o autor deveria chamar-se “sociologia do significado”) talvez seja a mais adequada para analisar a função desempenhada pelas tradições nas sociedades, para além dos critérios de verdadeiro ou falso, como nas formulações de Hobsbawm.

Portanto, não trata-se de pensar os fenômenos da ideologia e das tradições em termos de oposição entre verdadeiro ou falso, o que em termos teóricos gerais, situa-se no debate entre ciência *versus* ideologia. A constatação da sua *falsidade* ou *inventividade* (através do método científico) não seria o suficiente para uma explicação abrangente que buscasse compreender o funcionamento e os mecanismos de operação e de reprodução das narrativas e das práticas tradicionalistas nas sociedades em diferentes contextos históricos. Mais do que um *falseamento* ou uma mistificação da realidade, as ideologias e as tradições operam narrativas e símbolos que dispõem de um conteúdo mínimo de identificação entre os indivíduos e os grupos sociais que a reproduzem, do contrário, se não obtivessem a menor correspondência com a *realidade*, não seriam reproduzidas

pelos indivíduos, entendidos aqui com margens e capacidades de escolhas, mesmo que estas estejam condicionadas por fatores culturais ou econômicos. Isto é, “a ideologia não é uma mera ilusão desconectada da vida material, pois se trata da manifestação simbólica do fenômeno da dominação, o qual só opera materializado em práticas e instituições” (SILVA, 2008:251).

Em *O Espectro da Ideologia*, o filósofo esloveno Slavoj Žižek define o conceito de ideologia nessa mesma perspectiva, porém ressaltando o aspecto *funcional* das narrativas ideológicas enquanto operadoras\mantenedoras de uma determinada relação ou situação de dominação⁵:

uma ideologia não é necessariamente ‘falsa’: quanto ao seu conteúdo positivo, ela pode ser ‘verdadeira’, muito precisa, pois o que realmente importa não é o conteúdo afirmado como tal, mas o modo como este conteúdo se relaciona com a postura subjetiva envolvida em seu próprio processo de enunciação. Estamos dentro do espaço ideológico propriamente dito no momento em que esse conteúdo – ‘verdadeiro’ ou ‘falso’ (se verdadeiro, tanto melhor para o efeito ideológico) – é funcional com respeito a alguma relação de dominação (ŽIZEK, 1996:13).

Outro aspecto a ser considerado é o fato das tradições (bem como as ideologias) terem uma devida “correspondência” com realidade em que estão inseridas para obter o mínimo respaldo entre os indivíduos que dela fazem parte, do contrário, não faria *sentido* aos membros aderirem à ela. Usando o exemplo de uma *metáfora*, que só pode ser entendida em um determinado contexto e não em outro, Geertz explica a necessária “ligação” entre contexto e metáfora, que pode ser entendido aqui como entre a tradição e contexto na qual ela encontra-se *operando*:

A estrutura semântica da imagem não é apenas muito mais complexa do que parece na superfície, mas uma análise dessa estrutura força a reconstituição de uma multiplicidade de conexões entre ela e a realidade social, de forma que o quadro final e o de uma configuração de significados dissimilares a partir de cujo entrelaçamento se originam tanto o poder expressivo como a força retórica do símbolo final. Esse entrelaçamento é em si um processo social, uma ocorrência não “na cabeça” mas naquele mundo político onde “as pessoas falam umas com as outras, dão nome as coisas, fazem afirmativas e, num certo grau, compreendem umas as outras (GEERTZ, 2004:184).

Segundo o autor, os “padrões culturais” fornecem ainda “um gabarito ou diagrama” para a organização dos “processos sociais e psicológicos”, pois é através de “imagens esquemáticas da ordem social, que o homem faz de si mesmo, para o bem ou para o mal, um animal político” (2004:190). A definição de ideologia do autor alinha-se a compreensão da concepção de tradição exposta até aqui:

5. Outro autor que destaca o papel das ideologias nas relações de dominação e de poder é John Thompson. Para o teórico das ideologias: “a análise da ideologia está primeiramente interessada nas maneiras como as formas simbólicas se entrecruzam com relações de poder. Ela está interessada nas maneiras como o sentido é mobilizado, no mundo social, e serve, por isso, para reforçar pessoas e grupos que ocupam posições de poder” (THOMPSON, 1995:76).

O que quer que as ideologias sejam além disso – projeções de medos não reconhecidos, disfarces de motivos ulteriores, expressões fictícias da solidariedade de grupo - elas são, bem distintamente, mapas de uma realidade social problemática e matrizes para a criação da consciência coletiva. Se o mapa é correto ou a consciência é digna de crédito em cada caso particular, é outro questão, à qual não se pode dar uma mesma resposta, como não existe uma resposta idêntica para o nazismo e o sionismo, para os nacionalismos de McCarthy e de Churchill, para os defensores da segregação e seus oponentes (GEERTZ, 2004:192).

Independente do motivo político ou da *razão* pelas quais se mantêm e reproduzem-se, as tradições tem o seu *motivo de ser* em uma determinada sociedade, indo muito além da imposição de um determinado grupo – muito embora esse seja um fator relevante que deve ser considerado nas análises sobre o fenômeno⁶.

Em argumento crítico semelhante, Anthony Smith, ao discorrer sobre as principais teorias explicativas sobre o fenômeno do nacionalismo, faz uma crítica às teorias que a partir da década de 50' buscaram evidenciar o caráter “artificial” do nacionalismo como um “constructo” que “não se enraíza na natureza ou na história”, em uma tentativa desses teóricos de “desconstruir” a “nação” e denunciar os objetivos ideológicos por trás do nacionalismo:

As suposições gerais dos historiadores sobre a pobreza do nacionalismo, alia-se a sua convicção de que as nações são comunidades artificiais com laços predominantemente fabricados. Daí a iniciativa comum de “desconstruir a nação”, compartilhada com muitos antropólogos, e a necessidade de denunciar os objetivos ideológicos de manipuladores nacionalistas que canalizam atávicas das massas para seus fins partidários (SMITH, 2000:201).

Entre esses teóricos encontra-se Hobsbawm com sua uma visão “instrumental” do nacionalismo, onde a nação aparece estritamente ligada as “tradições inventadas”, tendo como base de funcionamento os “exercícios de engenharia social, frequentemente deliberados”, bem como a elaboração de narrativas históricas “feita convenientemente sob medida” (HOBSBAWM; RANGER, 1997:22).

Não negamos que a nação e que o discurso nacionalista tenham e continuem sendo usados de maneira manipulada para fins de interesses políticos e econômicos, mas acreditamos que o discurso e as praticas nacionalistas e das tradições não se reproduziriam exclusivamente pela imposição de um pequeno grupo. Smith parece compartilhar dessa mesma compreensão:

Porque essa ‘invenção’, com tanta frequência e em contextos culturais e sociais tão diferentes, parece tocar um nervo tão sensível, e por tanto tempo? Nenhum artifício, por mais bem construído que fosse, poderia sobreviver a tantas espécies diferentes de vicissitudes ou se adaptar a tantas condições diferentes. É claro que há mais coisas na formação das nações do que uma ‘fabricação’ nacionalista (SMITH, 2000:202).

Não se trata apenas uma invenção baseada na construção de um passado histórico fictício e artificial, mas antes, de uma *mistificação* desse passado elaborado a partir de

6. Edward Said sobre o uso ‘instrumental’ da memória pela ‘tradição inventada’: “*a method for using collective memory selectively by manipulating certain bits of the national past, suppressing others, elevating still others in an entirely functional way. Thus memory is not necessarily authentic, but rather useful*” (SAID, 2000: 179).

elementos existentes na sociedade, do contrário, a invenção não encontraria a mínima correspondência com a realidade, e, portanto não faria sentido aos indivíduos. De acordo com Antony Smith (2000), “a “invenção” deve ser entendida em seu outro sentido: é uma recombinação inédita de elementos já existentes” (SMITH, 2000:202). Interessante observar que este autor parte de problematizações e questionamentos - também acerca da obra de Hobsbawm – em consonância com os nossos:

Mas, como admite Hobsbawm, só algumas tradições encontram ressonância nas massa e só algumas delas revelam-se duradouras. A Nação, como ele assina, é a mais importante das “tradições inventadas” duradouras. Se assim é, em que sentido devemos considerá-la “inventada” ou “construída”? Por que essa “invenção”, com tanta frequência e em contextos culturais e sociais tão diferentes, parece tocar um nervo tão sensível, e por tanto tempo? Nenhum artifício, por mais bem construído que fosse, poderia sobreviver a tantas espécies diferentes de vicissitudes ou se adaptar a tantas condições diferentes. É claro que há mais coisas na formação das nações do que uma fabricação nacionalista (SMITH, 2000:202).

Ainda sob a crítica à concepção de *falseamento*, artificialidade e inventividade (das tradições, da Nação ou das ideologias) sobre as quais baseiam-se as análises Hobsbawmianas – Paul Ricoeur (1991:176), em uma crítica ao conceito Marxista de ideologia⁷ (no qual Hobsbawm situa-se) afirma em linhas semelhantes as apresentadas até aqui que “a linha divisória não é entre **falso e verdadeiro**, mas entre real e representação”, certamente referindo-se ao esforço teórico para compreender o papel desempenhado pelas ideologias na sociedade, visto que, para além de *distorções* “existe uma linguagem da vida real que existe antes de todas as distorções, uma estrutura simbólica de ação” (RICOUER, 1991:176).

O que em outros termos significa considerar a importância dos *signos*, dos símbolos e das representações e suas funcionalidades nas relações entre os indivíduos e os diferentes grupos, operacionalizando sociabilidades, criando espaços de convivência e sentimentos de pertencimento e de solidariedade, independentemente do caráter inventivo ou da mistificação sobre o passado.

Nas sociedades modernas, os elementos de identidade parecem centrais nas relações entre os indivíduos, por isso mesmo a tradição permanece como um elemento fundamental na constituição e na formulação das identidades individuais e coletivas seja para a coesão grupal, ou mesmo para a exclusão:

A ‘antiguidade’ da associação, com tudo o que ela implicava, conseguia, por si só, criar o grau de coesão grupal, a identificação coletiva e as normas comuns capazes de induzir à euforia gratificante que acompanha a consciência de pertencer a um grupo de valor superior, com o desprezo complementar por outros grupos. (ELIAS; SCOTSON, 2000:21).

Independente do que esta *por trás* (interesses políticos, econômicos) das tradições, inclusive do aspecto conservador que muitas apresentam, as tradições não devem ser

7. Para Ricoeur, “o conceito de realidade cobre todos os processos que podem ser descritos sob o título de materialismo histórico” (1991:175). Isso nos ajuda a compreender o binarismo (oposição) entre realidade e invenção apresentado por Hobsbawm.

consideradas como estanques e imóveis no tempo, mas em constante transformação e readaptação às novas situações sociais, formulando narrativas (mistificadas) sobre o passado, organizando temporalmente e espacialmente a sociedade na qual se encontram.

Aos historiadores, conforme o próprio Hobsbawm, cabe a tarefa de compreender como e onde essas narrativas históricas formuladas pela tradição criaram-se bem como verificar os seus elementos de distorção e de mistificação sobre o passado. No entanto, para ir além, é preciso compreender como e porque essas narrativas e os elementos ligados à tradição permanecem tão fortemente presentes na atualidade.

Embora esse tenha sido um grande “passo” dado na historiografia para a compreensão do fenômeno das tradições, a obra e a perspectiva de Hobsbawm encontra como qualquer outra obra, as limitações do seu tempo e do contexto em que foi produzida, sendo necessário um novo arcabouço teórico e metodológico capaz de apreender o fenômeno das tradições em todos os seus aspectos e temporalidades, como elemento histórico produzido e reproduzido por indivíduos com margens de ação e capacidade de escolhas, para além da imposição e da manipulação.

Se Adorno afirmava que toda ideologia tem um momento de verdade, nos parece que – para além da inventividade – toda tradição também tem um momento de verdade.

REFERÊNCIAS

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2004.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade pessoal**. Oeiras: Celta Editora, 1997.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. (Orgs.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. Tradução L. C. Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PALTI, Elías. José. **Aporías: tempo, modernidade, historia, sujeto, nación, ley**. Buenos Aires: Alianza, 2001.

RICOUER, Paul. **Ideologia e utopia**. Lisboa: Edições 70, 1991.

SAID, Edward Wadie. **Invention, Memory, and Place**. *Critical Inquiry*, v. 26, n. 2, p. 175-192, 2000. The University of Chicago Press. Disponível em: < <http://www.jstor.org/stable/1344120> > Acesso em: 10/04/2019.

SILVA, Ricardo. **Liberalismo e democracia na sociologia política de Oliveira Vianna**. *Revista Sociologias*, ano 10, n. 20, p. 238-269, jul. \dez., 2008.

SMITH, Anthony. David. **O nacionalismo e os historiadores**. In: BALAKRISHMAN, G. *Um Mapa da Questão Nacional*. Rio de Janeiro: contraponto, 2000.

THOMPSON, John. **Ideologia e cultura moderna**. Petrópolis: Vozes, 1995.

ZIZEK, Slavoj. **O Espectro da Ideologia**. In: ZIZEK, Slavoj. (Org.). *Um Mapa da Ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Administração 22, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 31, 103, 146, 163, 201

Afrocentricidade 87

Aldeamentos 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 32

Analogia sabática 33, 34, 35

C

Campo religioso 57, 58

Candomblé 58, 65, 70, 71, 72, 76, 77, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 87, 88, 89, 90, 93, 97

Caudilhos 113, 120

Colonialidade 21, 70, 72, 73, 75, 76, 79, 80, 83, 84, 85

Cristo 33, 35, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 62

D

Decolonialidade 70, 72, 73, 79, 84

Discursos políticos 124

Diversidade 30, 49, 57, 77, 79, 82, 83, 96, 97, 146, 151, 153, 155, 161, 178, 198

E

Educação 1, 14, 20, 33, 45, 46, 48, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 60, 77, 78, 84, 87, 95, 97, 164, 174, 175, 176, 177, 178, 181, 187, 188, 189, 201

Educação Histórica 45, 49, 174, 175, 176, 178, 181, 187, 188

Ensino de História 45, 56, 188, 189, 198

Ensino religioso 45, 46, 47, 50, 52, 53, 54, 55

Eric Hobsbawm 136, 137

Escravidão 22, 23, 24, 28, 29, 30

F

Força 22, 28, 29, 46, 50, 54, 57, 59, 77, 90, 102, 110, 125, 141, 180, 184, 187

Fronteiras 78, 79, 83, 112, 113, 115, 122, 131, 133, 134, 188, 195

G

Governo 17, 18, 26, 58, 59, 124, 125, 126, 130, 131, 180, 183, 184, 185

Guerra 2, 3, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 27, 47, 48, 59, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 127, 131, 133, 134, 150, 156

H

História da América Latina 13

História do Tempo Presente 13, 79

I

Identidade 14, 15, 16, 19, 20, 22, 30, 31, 50, 52, 76, 80, 91, 93, 109, 113, 115, 122, 138, 143, 144, 165, 168, 192, 195, 199

Ideologia 48, 50, 136, 138, 139, 140, 141, 143, 144, 145

Indígena 13, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 96, 165, 166, 171

Irmandades 63, 93, 94, 97, 98, 99, 101, 103, 104, 105, 107, 108, 112

J

Jogos de Escalas 98, 101

M

Machado de Assis 57, 58, 67

Movimentos Sociais 13, 21, 73, 103

N

Nação 16, 19, 35, 89, 110, 122, 128, 129, 136, 138, 142, 143, 151, 196, 199

Nacionalismos 136, 142

Negras 65, 72, 87, 93, 94, 97, 98, 103, 104, 105, 107, 108, 109, 111

P

Província 113, 114, 118

R

Religiosidades 53, 57, 67, 86, 90

Republicanos liberais 124, 125, 128, 129, 130, 131, 132, 135

S

Sábado 33, 34, 35, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 148

T

Território 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 91, 104, 119, 125, 167, 193

Tradição inventada 136, 137, 142

Transgeracionalidade 87, 92

Z

Zapatismo 13

 **Atena**
Editora

2 0 2 0